

“O CONTRA-ATAQUE MAIS FORTE, ALÉM DA PLACA, FOI ELA TER SE MULTIPLICADO”: Conversa com a pessoa que realizou a ação de rebatismo com a placa “Rua Marielle Franco”

THE STRONGEST COUNTER-ATTACK, BESIDES THE SIGN, WAS THAT SHE MULTIPLIED”: Conversation with the person who carried out the street sign renaming action “Rua Marielle Franco”

AUTORA CONFIDENCIAL¹

ÍTALA ISIS DE ARAUJO

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro – Brasil

JORGE VASCONCELLOS

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói – Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

O texto é a transcrição de uma conversa realizada, na forma *on line*, entre Jorge Vasconcellos, Ítala Isis, editores convidados deste dossier, e uma pessoa que realizou, em 2018, a ação de rebatismo com a placa “Rua Marielle Franco”. Por questões segurança, entre outros motivos, ela se apresenta com o nome de Ativista Lésbica do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE

Ação urbana, Marielle Franco, rebatismo

ABSTRACT

This text is the transcription of an online conversation between Jorge Vasconcellos, Ítala Isis, guest editors of this dossier, and the person who carried out, in 2018, the street sign renaming action “Rua Marielle Franco”. For safety reasons, among other motives, she presents herself under the name of Lesbian Activist of Rio de Janeiro.

KEYWORDS

Urban action, Marielle Franco, rebaptism

O *rebatismo popular* pode ser definido como uma ação simbólica na qual acontece a troca do nome de uma instituição, logradouro ou cidade. Trata-se de uma disputa sobre a memória daquele espaço, afim de garantir maior representação da sociedade ou da comunidade local. No Brasil, o caso mais antigo de rebatismo que se tem notícia aconteceu no Ceará, em 1930 (COLETIVO APARECIDOS POLÍTICOS, 2015). Em 2013, no Rio de Janeiro, a Rua Delfim Moreira, no Leblon, onde o então Governador Sérgio Cabral residia na época, foi rebatizada por manifestantes com o

¹ Em atendimento à solicitação de manter a identidade da autora confidencial, sendo referida como Ativista Lésbica do Rio de Janeiro.

nome “Amarildo Dias de Souza”, pedreiro que, no mesmo ano, desapareceu, depois de ser levado de sua casa, na Favela da Rocinha, por policiais militares².

Este texto, no formato de entrevista, apresenta uma conversa sobre a trajetória do rebatismo da Praça Floriano Peixoto, conhecida como Cinelândia. Em 2018 a Praça foi rebatizada com o nome de Rua Marielle Franco. Marielle foi uma mulher negra, favelada, mãe, lésbica, socialista e ativista, integrante e fundadora de diversos coletivos de direitos humanos. Foi ainda coordenadora da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj). Filiada ao Partido Socialista (PSOL), Marielle tinha como padrinho político Marcelo Freixo, deputado federal eleito em 2014, conhecido principalmente por presidir a CPI das Milícias no Rio de Janeiro. Em 2016 Marielle foi eleita vereadora da Câmara Municipal do Rio de Janeiro com 46.502 votos. Em 14 de março de 2018, Marielle e seu motorista, Anderson Gomes, foram assassinados numa emboscada. O crime chocou o país e mobilizou amigos, familiares e diversos movimentos sociais progressistas.

Ação de rebatismo da Cinelândia, realizada em 20 de março de 2018, dentro de um grande ato ecumênico em memória da vereadora e seu motorista, viralizou imediatamente. Mas ganharia projeção nacional depois que dois candidatos a parlamentares da extrema direita apresentarem a placa com o nome de Marielle quebrada durante um evento de campanha. Em seguida, ativistas e familiares da vereadora promoveram uma campanha de distribuição de placas da Rua Marielle Franco no mesmo local onde o rebatismo havia acontecido.

A conversa aqui apresentada foi feita *on line*, no dia 16 de abril de 2024. Contou com a presença dos editores deste dossier, Jorge Vasconcellos e Ítala Isis, e a pessoa criou a placa e realizou a ação do rebatismo. Por motivos de segurança, ela preferiu se colocar em anonimato, sendo nomeada aqui como “Ativista Lésbica do Rio de Janeiro”.

JORGE VASCONCELLOS (JV): Ítala, se você quiser conduzir as primeiras questões...

² Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/listas/guardanapos-amarildo-helicopteros-relembre-polemicas-de-sergio-cabral.htm>. Acessado em 22 de junho de 2024.

ÍTALA ISIS (II): A primeira questão que eu queria colocar é sobre suas experiências no espaço urbano. Experiência de ações, de práticas, o que você quiser contar sobre isso.

ATIVISTA LÉSBICA DO RIO DE JANEIRO (ALRJ): Minhas experiências começaram praticamente em 2013, com práticas urbanas. Eu comecei a minha militância tarde, em 2012, na Aldeia Maracanã, mas era muito lá dentro do prédio, não tinha muita intervenção urbana. Mas aí, em 2013, que foi aquela loucura, eu participei de tudo. Não vou entrar em alguns detalhes que é melhor não (risos), mas fiz bastante ações com vários coletivos, vinhedo, projetando com o pessoal da Casa Nuvem³, que eram coletivos que visavam mais a intervenção artística. Chamavam de *artivismo*. Desde colar lambe-lambe, ou comprar baratinha na Saara e jogar lá nos Brazões⁴, na CPI dos ônibus. Fizemos placas, na época do Cabral⁵, para renomear a rua, mas imprimia num papel A4. Quando chovia, borrava tudo. Me envolvi com tudo, nem me lembro... Era tanta coisa... Me envolvi muito profundamente, mas com ações mais perecíveis, instantâneas, de uma outra forma. Porque tinha as manifestações que tinha aquele embate físico mais violento com a polícia do Cabral, mas também tinham essas outras intervenções, que eram mais anônimas e fora de um combate, mas que também passavam muitos recados. Eram duas formas de lutar politicamente: uma no tête-à-tête ali na rua, com gás lacrimogêneo, bala de borracha, escambau, e essa outra que eu também curta, que eu também achava que era um outro tipo de linguagem de enfrentamento.

II: Tem uma coisa pedagógica em 2013, não é?

ALRJ: Muito, muito.

II: Já entrando no tema que é o foco: Como foi o processo de fazer o rebatismo da Cinelândia com a Placa Marielle Franco? Quais foram as inspirações, os porquês? Toda aquela atmosfera, o choque também. Como é que foi toda essa experiência até chegar a decidir por fazer esse rebatismo?

³ Espaço de trabalho criativo e ações culturais localizada no bairro da Lapa, onde muitos coletivos se encontravam.

⁴ Chiquinho e Domingos Brazão. Respectivamente, deputado e vereador na época. O segundo presidiu a CPI dos ônibus em 2013. Atualmente ambos são acusados de mandar matar a vereadora Marielle Franco. Disponível em <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/entenda-trajetoria-politica-dos-irmaos-brazao-acusados-de-mandar-matar-marielle-franco/>. Acessado em 14 de setembro de 2024.

⁵ Sérgio Cabral Filho, Governador do Rio de Janeiro em 2013. Preso em 2016 por corrupção passiva, lavagem de dinheiro e evasão de divisas. Atualmente se encontra em prisão domiciliar.

ALRJ: É muita coisa. Primeiro, o choque do dia 14 de março de 2018. Para mim o fascismo se instaurou no Brasil literalmente de verde e amarelo naquele dia. Para mim foi um divisor de águas, um marco do fascismo. Não só no Rio, no Brasil. Eu entrei em estado de choque, fui até o local do crime, vi o corpo dela ser retirado do carro de longe, me envolvi profundamente. Eu era muito amiga de uma mulher que trabalhava com a Marielle, que era assessora dela. Eu estava na casa dessa assessora, que morava na Rocinha. Na hora que eu cheguei em casa, eu vi a notícia, tentei ligar para ela, ela não me atendeu, achei que já estava sabendo, e aí consegui falar para ela que tinham matado a Marielle. Fui para o local do crime, e no dia seguinte fui para a Câmara⁶. Essa minha amiga que trabalhava com a Marielle me botou lá dentro da Câmara, não no velório, mas ali embaixo, no saguão. Aquela comoção, aquela loucura toda, foi muito forte. A gente foi para o cemitério, eu fui com essa minha amiga e com a mãe dela, que era mãe de santo da Marielle. Eu não estava entendendo nada, só estava tentando entender... o que não dá para se entender, o absurdo. Eu não consigo nem falar “coragem dos caras”. Quem faz isso é a covardia, de matar uma mulher tão importante. Na sexta-feira, depois do velório, foi o aniversário da Cecília Coimbra, do Tortura Nunca Mais⁷. No mesmo dia saiu até uma matéria. Talvez uma das únicas, acho que foi no Jornal do Brasil. Uma das últimas publicações do Jornal do Brasil, se não me engano. Era uma matéria que a Marielle tinha acabado de escrever e foi publicada na capa⁸. Ela até cita a Cecília Coimbra no texto, que foi sua orientadora. Eu não sabia que a Marielle conhecia a Cecília. No dia 16 de março eu fui para o aniversário da Cecília. Lá encontrei uma grande amiga, que é argentina e tinha trabalhado com a Marielle. Essa amiga inclusive foi comigo no local do crime, na quarta-feira. A gente começou a conversar sobre o que podíamos fazer, não em relação a homenagem, mas de como a gente podia contra-atacar, ou se reafirmar, e acabou vindo essa ideia da homenagem da

⁶ Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

⁷ Tortura nunca mais é um grupo que se dedica ao combate à tortura e à defesa da memória política brasileira. Cecília Coimbra é historiadora, militante de esquerda e fundadora do grupo. Disponível em: <https://www.torturanuncamais-rj.org.br/quem-somos/>. Acessado em 23 de maio de 2024.

⁸ Disponível em: <https://www.jb.com.br/artigo/noticias/2018/03/16/ultimas-palavras.html>. Acessado em 23 de junho de 2024.

placa. A gente já fazia isso no Ocupa Cabral, no Ocupa Câmara⁹. Eu fui para casa com a ideia de fazer essa placa. Só que eu falei: “Vou fazer uma placa que vai durar. Eu não vou fazer imprimindo num A4 para, quando chover no dia seguinte, não estar mais lá”. E aí no sábado, dia 17, eu me sentei no computador. Em 2013 um amigo meu levou uma placa de rua lá para casa. Ele tinha encontrado no chão, depois de uma dessas manifestações de quebra-quebra. Era de uma rua próxima da minha casa. Eu tinha um modelo de uma placa de rua tamanho original, com a fonte, com a cor, com as medidas. Eu tinha tudo ali na minha mão. Medi o tamanho da fonte, o tipo da fonte, a cor, peguei todos os dados milimetricamente. Eu falei assim: “Eu vou fazer uma placa igualzinha e eu vou colar na manifestação que vai ter no dia 20”. Quando comecei a fazer, fiquei pensando no que escrever na legenda. E é óbvio que a primeira coisa que veio à cabeça foi “mulher, preta, lésbica, favelada, assassinada”. Cheguei a digitar um monte de coisa, mas eu não conseguia definir o texto. Eu falei: “Como eu vou definir Marielle?”. E, ao mesmo tempo, eu queria que parecesse real. Não queria só uma intervenção impulsiva, na raiva, do medo, da raiva, de tudo. Se eu escrevesse “mulher, preta, lésbica, favelada”, lógico que iria soar como uma coisa *fake*. Demorei muito para chegar na legenda “mulher, vereadora, defensora dos direitos humanos das minorias”. O “covardemente” me denuncia. Eu dei xe. Foi a minha emoção. Eu falei: “Vai ter que ter alguma dose de emoção e não razão”. Pensei muito em deixar ou tirar a “covardemente assassinada”. Mas eu falei: “Vou deixar o “covardemente”, que vai ser a deixa se alguém quiser sentir...” porque era tão real, e aquele covardemente cabia ali. Aí eu fechei. Tive todos os cuidados para imprimir, porque eu já estava com muito medo do que estava acontecendo, do que tinha acontecido, por ser um ano muito tenso, de eleição, com o Bolsonaro crescendo, perseguição à Lula, morte da Marielle, foi tudo. Lula foi preso, sei lá, 20 dias depois que ela morreu. Fui para uma gráfica perto da minha casa. Levei num *pen drive*, não mandei por e-mail, não deixei nenhum rastro. Paguei em dinheiro vivo, não dei meu nome, dei o *pen drive* lá. Imprimi numa placa de acrílico, adesivada, porque era uma coisa que eu queria que ficasse. Mandei imprimir seis placas. Eu estava sem dinheiro na época. Essa minha amiga argentina e uma outra amiga me ajudaram a bancar. Eu estava dura. Na terça-feira eu saí de casa muito nervosa, com essas

⁹ Ocupa Câmara e o Ocupa Cabral foram duas ocupações políticas realizadas por diversos movimentos sociais, em 2013. A primeira em frente da Câmara Municipal do Rio de Janeiro e a segunda na Rua Delfim Moreira, no Leblon, rua onde o então Governador Sérgio Cabral Filho residia.

placas numa sacola, para o Ato Ecumênico que foi da Candelária para a Cinelândia. Eu estava com muito medo de colocar a placa. Não só por ser uma coisa ilegal, mas por terem fascistas infiltrados entre as pessoas ali, enfim. Eu botei a primeira no meio da Avenida Rio Branco, quando o ato estava andando eu preendi ali na... esqueci o nome dessa Rua...

JV: Sete de Setembro, não?

ALRJ: Exatamente! Sete de Setembro, por ali. A Aniele¹⁰ postou a foto dessa placa. Estava bem na frente do ato, onde estava a faixa. A Aniele viu, todo mundo parou, começou a tirar foto. Teve até um fotógrafo que me fotografou de costas, em cima do poste. Ele me mandou essa foto, mas eu perdi meu computador, infelizmente perdi essa foto. Eu estava de costas, mas era o meu único registro. Quando a gente chegou na Cinelândia, resolvi botar a que foi quebrada depois, ali em frente. Essa placa foi a que viralizou. Todo mundo ficou parado ali, que tinha mais iluminação. Porque na Avenida Rio Branco estava muito escuro, ato estava andando. Algumas pessoas foram fotografando. Mas a que ficou na Cinelândia, ficou. E aquilo ali viralizou. Eu comecei a ver muita gente postando, postando, postando. Comecei a ficar nervosa também com a dimensão daquilo. Senti que aquilo era uma coisa que, naquele momento já tinha ficado muito grande e importante. Comecei a passar muito mal, comecei a ter uma dor de barriga, um piriri, quase desmaiei. Um amigo me levou para casa, eu nem fiquei até o final do ato, comecei a passar mal. E aí viralizou. Viralizou de uma forma positiva, num certo tamanho, todo mundo sabia. Essa placa acabou ficando lá meses. Toda vez que eu ia na Cinelândia, eu não acreditava que não tinham arrancado ainda a placa. Passou março, abril, maio, junho, julho, agosto, em setembro teve o ato das mulheres contra Bolsonaro, “Ele não”. Não sei se vocês se lembram, aquele ato gigantesco que teve em 2018¹¹.

II: Eu estava lá também.

JV: Eu também estava, todo mundo estava nesse ato, foi um ato realmente muito potente.

¹⁰ Anielle Franco é irmã de Marielle Franco e, atualmente, Ministra da Igualdade Racial.

¹¹ “Ele não” foi um ato organizado principalmente por movimentos feministas, em 2018 na Cinelândia, contra a eleição de Jair Messias Bolsonaro.

ALRJ: Sim, e a placa durou até esse dia. Para mim, o Rodrigo Amorim e Daniel Silveira¹² quebraram a placa em retaliação ao ato das mulheres. Porque eles quebraram na madrugada do dia 29 para o dia 30. Era de noite ainda, e no dia 30 eles subiram para Petrópolis, para a porra do ato do Witzel¹³ com a placa quebrada. Eles quebraram a placa para atingir as mulheres, para atingir Marielle, em retaliação ao ato do dia 29.

JV: Misoginia mesmo. Misoginia Fascista.

ALRJ: Misoginia pura.

JV: Rodrigo Amorim é um dos principais inimigos da Aldeia Maracanã¹⁴.

ALRJ: Sim, sim.

JV: Os outros dois foram presos. É muito interessante. Eu estou te cortando só para ressaltar a importância. Se nós estamos utilizando essa alcunha do rebatismo como o eixo da revista, eu não consigo entender, com toda a pesquisa que eu tenho feito, nenhum ato de rebatismo mais importante feito na história do Brasil. Não vou falar do mundo porque eu não conheço. Falo no sentido da força que essa ação trouxe. Por isso que a gente usa a ideia de ação estético-política. Não foi uma intervenção urbana. Eu gostei muito da palavra que você usou, “contra-ataque”. Eu costumo usar o termo “autodefesa”. Como se fosse um Pantera Negra¹⁵. Uma ação feita por você e outra pessoa, mas que de alguma maneira foi feita por uma multidão.

ALRJ: Sim, sim.

JV: Curioso, eu não sabia que a placa tinha durado esse tempo todo.

¹² Daniel Silveira era, na ocasião em que expôs a placa quebrada, candidato à Deputado Federal pelo Partido Social Liberal (PSL). Foi eleito na ocasião com 31.789 votos. Em fevereiro de 2021 foi preso, após publicar um vídeo com injúrias e ameaças ao Tribunal Superior Federal. Rodrigo Amorim era, na mesma ocasião, candidato a Deputado Estadual, também pelo PSL. Foi eleito com 144.666 votos, sendo o candidato mais votado do Estado. Atualmente está no seu segundo mandato.

¹³ Wilson Witzel em 2018 era candidato a governador do Rio de Janeiro, pelo Partido Social Cristão (PSC). Foi eleito e exerceu o mandato de janeiro de 2019 à abril de 2021, quando foi afastado definitivamente em decorrência de um impeachment.

¹⁴ Aldeia Maracanã é uma Aldeia urbana, universidade e movimento social indígena, localizada no antigo Museu do Índio, no bairro do Maracanã, desde 2006. Foi alvo de intensas disputas políticas em 2012 e 2013, sendo até hoje um espaço de resistência indígena no Rio de Janeiro.

¹⁵ Os Panteras Negras foram um grupo político de Oakland, na Califórnia, que defendia a emancipação e o direito de autodefesa dos negros nos Estados Unidos da América.

ALRJ: Pois é, ninguém sabia. Foi quando eu conheci a Mônica¹⁶, quando quebrou (a placa), virou aquele escândalo. Por um lado, o Rodrigo Amorim, esses fascistas são tão burros que a placa só viralizou por causa dele. Ele é mais eficaz do que o marqueteiro da Beyoncé (risos).

JV: O governador do Estado se deu ao trabalho de ir lá e fazer. O governador do Estado. Esse ato é muito forte.

ALRJ: Pois é. Foi aquela coisa. A própria Mônica Benício, eu conheci depois (que Amorim e Silveira quebrarem a placa). Logo o Sensacionalista¹⁷ fez aquela campanha de distribuição das placas. Eu entrei em contato com eles para oferecer a arte original, que já estava pronta, em alta resolução. Convidei a Mônica para ir nesse dia para a distribuição das placas. Ela ficou do nosso lado distribuindo a placa com a gente. Ela até colocou uma placa lá de novo. Foi superforte. A Mônica me falou que os seguranças da Câmara tomavam conta da placa. Eles vigiaram a placa durante seis meses e muitas pessoas perguntavam se tinham rebatizado a Cinelândia. Em vez do nome original, não me lembro agora qual é o nome original da Praça, mas é algum general ou militar, escroto-milico, muita gente achava que tinha sido renomeada de fato. Essa era a minha ideia. Porque é isso, todos os nomes de rua são de militares, de homens brancos, é sempre do opressor, é sempre de quem está mandando, patriarcado, homem, branco. Não tem nome de rua de preto, de mulher, lésbica, favelada, de homem preto, não tem. É isso, a história é contada, as ruas são nomeadas pelo lado do opressor. Também discuti muito com essa minha amiga argentina, no dia 16, quando a gente teve essa ideia: “Eles não têm ideia do que eles fizeram, eles não têm ideia do tamanho da Marielle. A gente vai fazê-la virar nome de rua”. Mas a gente não sabia que ia ficar tão grande. Eu não tinha a menor ideia. Eu só tive ideia quando eu coloquei a (placa) da Cinelândia. Eu fui abrir no *Instagram*, cinco minutos depois já tinha, sei lá, 100 postagens. Foi uma coisa assim, absurda. Todo mundo se identificou e essa placa virou um símbolo. Eu entrei na casa de uma pessoa, tem a placa da Marielle, eu sei que aquela casa ali está de boa. Virou um símbolo, um objeto de desejo, não no sentido fútil da palavra, mas um objeto de resistência, de desejo de resistência, de luta. E até hoje ainda fico olhando: Eu que

¹⁶ Mônica Benício é arquiteta, urbanista, militante de Direitos Humanos, Ativista LGBTQIA+ e viúva de Marielle Franco. Em 2020 foi eleita vereadora da cidade do Rio de Janeiro pelo Partido Socialista (PSOL), com 22.919 votos.

¹⁷ Site/página de humor com vertente progressista: https://www.facebook.com/sensacionalista/?_rdr=p

fiz isso. E acho que é muito importante a questão do anonimato por isso. Porque a placa já tem uma vida própria. É uma referência, uma homenagem, colocar a Marielle onde ela deve estar. Espero que ela seja nome de rua, de avenida, mesmo. Acho que ainda falta uma homenagem à altura. Mas essa coisa dela (a ação do rebatismo) se manter incógnita, o anonimato, é importante. Acho que ela já existe e já tem a história dela, já tem o caminho dela e que fique assim, que ela já representa, ela já é um sinal muito forte da resistência, do contra-ataque, da luta.

JV: É curioso, acabei de colocar enquanto você falava rapidamente, o nome é Praça Floriano Peixoto¹⁸. Floriano. Tudo relacionado à república, na verdade.

ALRJ: Sim, sim.

JV: Um desses escrotos.

ALRJ: É sempre.

II: Ou à monarquia, né.

ALRJ: Ou à monarquia.

II: A república ou à monarquia. É a cidade toda marcada por essa memória colonial, essa memória militar.

ALRJ: Ou da própria ditadura. A própria ditadura também.

II: Você já falou um pouco dessa repercussão, de como é que isso foi reverberando, porque realmente é algo que ninguém imaginava, como é que foi ganhando uma força. Você falou do ser nome de rua. Já tem em Paris, uma praça.

ALRJ: É... Tem acampamento do MST, que botaram Rua Marielle Franco. Botaram até a placa lá.

II: Têm a escola também¹⁹. Uma última coisa que eu fico curiosa. Você, então, vê como algo muito positivo. Esse... Esse espalhar dessa placa. Hoje a gente, inclusive, compra essa placa no Mercado Livre²⁰.

ALRJ: Pois é. Muita gente veio dizendo: “Ah, estão vendendo no Mercado Livre. Estão capitalizando em cima. Você não vai processar?” Eu falei: “Gente... primeiro que foi durante a pandemia, que tinha muita gente sem dinheiro. As pessoas não têm o que comer. Não podem sair de casa. Deixa vender. Não é o Mercado Livre

¹⁸ Floriano Peixoto foi um militar e político brasileiro. Primeiro vice-presidente e segundo presidente do Brasil, de 1891 a 1894.

¹⁹ A Escola Municipal Vereadora Marielle Franco está localizada na Vila dos Pinheiros, no Bairro Maré.

²⁰ O Mercado Livre é um site de compra e venda e produtos diversos.

que está vendendo. É alguém que está sem dinheiro. Está precisando ganhar dinheiro. Deixa as pessoas venderem a placa". Eu até consegui arranjar um cara de uma gráfica que vende as placas, que é o Sidney²¹, que era indicação até de uma amiga minha, que fez a preço de custo, porque as originais foram caríssimas. Ele fez por 10 reais. Vamos embora, vamos fazer.

II: Ele que participou daquela ação que a Mônica estava lá na Cinelândia.

ALRJ: Sim, ele que fez. A distribuição de mil placas.

JV: Acabou muito rápido. Eu não consegui pegar a placa.

II: A gente chegou a pegar. Eu e o Jaime, meu marido.

JV: Vocês estavam lá na turma do gargarejo.

II: Mas tinha uma fila enorme. Aquilo foi lindo.

JV: Foi sensacional.

II: E depois ainda teve a foto de todo mundo levantando.

ALRJ: Escrito Marielle. Até hoje eu vejo essas imagens. Foi muito forte aquele dia. E acho que o segundo contra-ataque foi esse. Mataram ela, veio a placa. Quebraram a placa milhares, milhões de placas. O Sidney já perdeu as contas de quantas placas ele já imprimiu. O Sensacionalista deixou no site deles a arte em alta. A gente mandou isso para tudo quanto é canto. Deixou disponível na internet para pessoas do mundo inteiro. O Instituto Marielle Franco fez o www.ruamariellefranco, um mapa virtual no qual você pode marcar onde está a sua placa²². Então tem placa no mundo inteiro. Você abre o mapa mundi e vê em todos os países do mundo as pessoas pinando que está com a placa. Então, para mim, o contra-ataque mais forte, além da placa, foi ela ter se multiplicado, as sementes da Marielle. Você mata uma, nasce outra e não tem jeito. Ninguém vai poder proibir a primavera. As placas são a primavera chegando. Somos resistência. Você vai quebrar e a gente vai fazer outra, vai fazer mais e vai ter mais. É não ter medo. Também foi uma forma importante porque ficou todo mundo muito assustado. Quem não ficou em pânico e em estado de choque, acho que não entendeu o que tinha acontecido. A violência do tamanho do recado ali, da certeza da impunidade, da linguagem violenta, de executar uma

²¹ Sidney Balbino, dono da Gráfica que imprimiu as 1.000 placas distribuídas na Cinelândia.

²² O Instituto Marielle Franco foi fundado pelos familiares de Marielle na intenção de defender e preservar sua memória, além de lutar pela verdade e justiça em relação ao seu assassinato. <https://www.institutomariellefranco.org/>

mulher vereadora negra. Até hoje, não entra na minha cabeça. Eu li o livro da Mônica²³ domingo, e acabei ontem, em dois dias. A violência de tudo. Eu ainda estou impactada aqui sobre o efeito do livro. Realmente é muito forte. Ver a vida da pessoa, o lado mais humano da Marielle, fora a vereadora, combativa. Eu acho até que ela se candidataria à presidência futuramente. Amo todas as políticas que estão aí, mas acho que de todas as mulheres pretas que estão na política, não tem nenhuma que chegue perto da Marielle.

II: Ela abriu o caminho para as que vieram.

ALRJ: Ela era muito diferenciada, muito lúcida. A Erika Hilton²⁴, acho que está com o pezinho junto ali na Marielle em termos de eloquência, de coragem, de clareza das ideias, de carisma, de fala. Foi uma perda inestimável realmente a Marielle.

II: Estou aqui já emocionada.

ALRJ: Eu também.

II: Jorge quer colocar algo mais?

JV: Veio um monte de afetos... Eu poderia até intuir, mas não tinha muito essa dimensão.

II: Ela está falando e vem as memórias das coisas que aconteceram.

JV: É muito interessante até porque a gente está procurando pensar dentro da perspectiva que a gente está assumindo para esse dossiê, como é que uma ação pode parecer muito diminuta, pode parecer muito pequena, quase ordinária, feita por poucas pessoas, mas ela pode ganhar uma dimensão muito poderosa, como essa ação da placa. É como se ela tivesse sido um elemento catalisador. Eu gostei da ideia do contra-ataque, da autodefesa, do contraponto. E é bom vocês tirarem a ideia de homenagem. A gente homenageia sempre, mas não é essa a questão. A gente está vivendo um momento extremamente delicado no Brasil. A chegada ao poder de fato do fascismo, os fascistas que saíram do armário, invadiram a sala, tomaram a cozinha e os banheiros, tentaram nos expulsar de casa. É uma situação dada. A questão da guerra cultural... Se nós pensarmos em termos de símbolo e não de alegoria, pelo que a Marielle simbolizava, é difícil imaginar que ela tenha sido executada

²³ BENÍCIO, Mônica. *Marielle e Mônica: Uma história de amor*. Rio de Janeiro: Editora Rosas dos Tempos, 2024.

²⁴ Erika Hilton é política, ativista e modelo. Em 2020 foi a primeira vereadora transgênero eleita na cidade de São Paulo, pelo PSOL, e a parlamentar municipal mais votada do país. Atualmente é Deputada Federal, pelo mesmo partido.

exclusivamente para atingir o Freixo ou por uma questão exclusivamente ligada, como hoje se fala em função dos supostos... Ainda acho que é “supostos”. Supostos mandantes.

ALRJ: Para mim, são buchas de canhão.

JV: Eu vou usar essa expressão de eufemismo. Supostos mandantes. O que estava tentando ser executado e não conseguiu é um símbolo. É como se a Marielle fosse uma espécie de síntese poderosa das lutas minoritárias. Negra, favelada, lésbica. O gênero mulher, mulher negra, periférica, numa grande cidade como o Rio de Janeiro, comunidade de favela, e uma dissidência de gênero sendo lésbica. Juntando tudo isso e sendo porta-voz de todas essas pautas. Com um carisma imenso, com grandes possibilidades de ascensão política eleitoral. É um símbolo e é um fato. O que se tentou executar, e na verdade não se conseguiu, porque esse símbolo e esse fato só se tornaram mais fortes, é exatamente isso. Essa síntese poderosa, uma espécie de pequeno absoluto.

II: Eu achei bonito também essa coisa de começar com muito medo, aquele medo físico que faz você passar mal. E ter a viralização dessas placas, a ponto de estar realmente no mundo inteiro. Então é algo que inverte do medo para uma explosão de força.

ALRJ: E de afirmação.

II: É aquela história: mesmo com medo, vamos com medo mesmo.

ALRJ: Acho que também teve essa ideia, como o Jorge falou, dessa coisa do contra-ataque. Na hora que eu consegui definir o texto como um texto com um tom verídico, passou a mensagem: “Vocês não vão nos calar. Podem ter matado a Marielle, mas vocês não mataram a luta. A gente é tão grande quanto vocês, a gente também é nome de rua. Marielle é nome de rua. Ela é representante mais do que esses brancos todos que são nome de rua. Vai ficar ali, é real, a gente é nome de rua, ocupa a rua. De um lugar político, de um lugar de visibilidade, de homenagem, de respeito. O nome de rua, você dá para homenagear uma pessoa. Vocês não têm ideia do que vocês fizeram, vocês não têm ideia do tamanho da Marielle”. E acabou que virou muito mais do que isso, mas a ideia da placa tinha muito isso: “Vocês não têm ideia de quem vocês mataram. E ela vai ser sim nome de rua”. Por isso que o caráter é de confundir as pessoas. Eu quero que as pessoas olhem e achem que é de verdade, que renomearam uma rua com o nome dela. Desculpa, me exaltei aqui.

JV: Mas esse é o tom possível diante de uma situação como essa. É difícil ficar *lol profile*, não tem como. É uma situação em que a veemência é necessária. Eu tenho uma hipótese filosófica de que ao ódio a gente tem que reagir com ira. O antídoto do ódio não é o amor, é a ira. A ira não é a raiva no sentido psicológico. Desculpa, eu sou filósofo, filósofo fala essas coisas. Mas é um pouco da ira mesmo, é chegar e ir e a luta. É mais do que a raiva, que é uma coisa psicológica, a ira é um afeto, um afeto coletivo. Como diz aquela história, quando um escravo mata seu senhor, ele não está cometendo assassinato, ele está cometendo autodefesa. Então é isso. Assassinato é o genocídio que foi perpetrado contra o povo preto trazido do Atlântico.

II: Você quer colocar mais alguma coisa sobre isso, para a gente deixar marcado? Muito pensando na documentação dessa memória...

ALRJ: Bem, eu acho que o que me choca até hoje e me deixa pasma, realmente, é o tamanho que tomou. Acho que também tem isso, devido ao medo, à ira, aos sentimentos que me moveram. Foi primeiro o medo, raiva, ira, o que seja, de fazer alguma coisa contundente, mas eu nunca pude imaginar que realmente era isso que as pessoas estavam esperando, minimamente. Acho que as pessoas de esquerda, progressistas, que acreditamos e lutamos pelos direitos humanos, pelas minorias, contra o patriarcado, contra o capitalismo, contra esse mundo opressor, esse fascismo que está crescendo. A gente quer o nosso lugar também. Acho que a placa, o nome da rua, é o espaço, é o coletivo, é o público. A rua é o local público de encontro, de manifestação, de troca de ideias. É ter ela (Marielle) ligada à rua, ao espaço público, à nossa soberania. Saber que a gente também tem esse poder. Acho que tem esse lugar de alguma maneira no imaginário das pessoas, é um tipo de poder que a gente também tem. Ela (Marielle) merece isso, a gente merece isso, esse tipo de lugar. Se naturalizavam muito os nomes das ruas, das praças, de tudo da monarquia, da república. Tenho visto depois da placa muitos debates sobre isso. Cadê os nossos lugares, cadê uma praça, um museu, uma rua, com o nome de alguém preto, de alguém favelado, de uma liderança de esquerda, uma liderança preta. Acho que tem também esse lugar de a gente reivindicar os nossos espaços de poder também. Ela abriu esses caminhos. Eu acho que, com a maneira como a placa foi abraçada por todo mundo, acho que muito em função da quebra, de um contra-ataque à quebra da placa, acho que todo mundo quer esse lugar. Vou lutar por isso, pela Marielle, pela importância que ela teve, por um lugar de destaque para a memória

dela, por ser um nome de rua, por um lugar em que a gente possa estar homenageando e prezando pela memória de alguma maneira. A gente também tem os nossos nomes, a gente também tem as nossas referências, as nossas pessoas. A cidade também é nossa, a rua também é nossa.

Referência

COLETIVO APARECIDOS POLÍTICOS. Minimanual da arte guerrilha urbana.
Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.

Sobre o(as) autor(as):

Autora confidencial em atendimento à solicitação de manter a identidade da autora em sigilo, sendo referida no texto como Ativista Lésbica do Rio de Janeiro.

Jorge Luiz Rocha de Vasconcellos (Jorge Vasconcellos), negro-indígena. Doutor em Filosofia. Professor Associado na Universidade Federal Fluminense/UFF, Niterói-RJ/Brasil, no Departamento de Artes e Estudos Culturais/RAE e no Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes/PPGCA. Foi Coordenador do Programa/PPGCA-UFF (2019-2021). Líder do Grupo de Pesquisas CNPq – práticas estético-políticas na arte contemporânea. Teórico-ativista no Coletivo de ações e práticas estéticos-políticas e procedimentos acadêmicos contrapedagógicos 28 de Maio/C28M, em parceria com a professora Mariana Pimentel. Cientista de Nossa Estado/CNE-2020 pela FAPERJ. Fez Pós-doutorado em Artes no Instituto de Artes da UERJ (2019). Publicou livros sobre Deleuze, Foucault e Arte Contemporânea, além de ensaios sobre teoria da arte e do cinema em perspectiva filosófica

jorgevasconcellos@id.uff.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8875730278638101>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4707-7710>

Ítala Isis de Araújo é artista, educadora, pesquisadora e programadora visual. Doutora em Arte e Cultura Contemporânea (PPGARTES\ UERJ). Mestra em Estudos Contemporâneos das Artes (PPGCA\ UFF). Bacharel em Gravura (EBA UFRJ). Licenciada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas (EBA-UFRJ). Atua principalmente no espaço público com performances e intervenções urbanas. Nos últimos anos tem retomado uma produção plástico-poética, utilizando principalmente técnicas relacionadas à linha (bordado, costura e desenho). Em seus últimos projetos, Costuras Errantes em Catalão GO (Bolsa Funarte de Residência Artística Estação Cidadania-Cultura 2019) e Linhas da Arte Linhas da Vida (Prêmio Arte-Escola Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc), realizou mapeamentos de artistas e artesãs que utilizam a linha como elemento de linguagem, além da criação de sites como plataforma de difusão desses saberes. Foi contemplada no Edital Funarte Circulação das Artes - Edição Centro-Oeste com o projeto de intervenção visual Costuras Urbanas, promovendo o encontro entre as tradições têxteis e as tradições da errância urbana. Foi idealizadora, coordenadora e artista urbana no projeto "Entretempos: Imagens Memórias do Morro da Conceição", contemplado pelo Edital Rua Cultural 2022, da Secretaria de Cultura e Economia Criativa RJ. Atualmente é Professora Substituta de Desenho Artístico I na Escola de Belas Artes - UFRJ.

italaisis@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0635368198030224>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1623-6408>

Como citar

ARAÚJO, Itala Isis de; AUTORA CONFIDENCIAL; VASCONCELLOS, Jorge. Contra-ataque mais forte, além da placa, foi ela ter se multiplicado: conversa com a pessoa que realizou a ação de rebatismo com a placa “Rua Marielle Franco”. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 5 n. 2, n.p.. jul – dez. 2024. <https://doi.org/10.14393/EdA-v5-n2-2024-75297> [versão ahead of print]



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.